

António Lobo Antunes: 5 Lições Inesperadas sobre a Arte, o Jazz e o Sofrimento

Introdução: O Médico que Nunca Quis Ser Outra Coisa senão Escritor

A existência de António Lobo Antunes (1942–2026) foi, até ao seu derradeiro fôlego, uma tensão dialética entre a lucidez clínica e o delírio poético. Nascido no seio da alta burguesia de Benfica, herdeiro de uma linhagem de distinção — do trisavô Visconde de Nazaré ao pai, ilustre neurologista —, a sua trajetória parecia selada pelo determinismo social. Licenciou-se em Medicina por imperativo paterno, todavia, a sua alma sempre pertenceu, de forma absoluta e quase violenta, às letras. A passagem pelos corredores do Hospital Miguel Bombarda não constituiu um desvio vocacional, mas antes o laboratório onde o escritor-médico dissecou a "dimensão da fragilidade humana". Para Lobo Antunes, a psiquiatria não foi uma profissão; foi a ferramenta técnica para cartografar o desamparo e a loucura que alimentariam uma obra monumental.

I. O Saxofone como Pena: A Lição de Ben Webster

Para muitos romancistas, a técnica emana da biblioteca; para Lobo Antunes, o manual de instruções estava nos discos de vinil. A revelação mais profunda da sua estética não veio de Joyce ou Faulkner, mas de saxofonistas como Ben Webster, com quem afirmou ter aprendido o segredo das **metáforas diretas e da retenção de informação**. A sua narrativa não se organiza por capítulos, mas por "solos" e "pausas". É a gestão do silêncio — o saber o que omitir para que a presença do dado seja mais ensurdecadora — que estrutura a sua polifonia. Em *Memória de Elefante*, ele descreve o saxofone de Lester Young como "dedos sábios por nádega adormecida", uma imagem de um arrojo que só o Jazz, na sua liberdade visceral, poderia autorizar. "Foi com o que aprendi com os saxofonistas de jazz, principalmente Charlie Parker, Lester Young e Ben Webster, que me achei capaz de compor por conta própria. O Charlie Parker fraseava maravilhosamente, aprende-se muito a ouvi-lo."

II. A Circularidade do Tempo: A Síncope do Amanhã

A obra antuniana recusa a ditadura da cronologia. Nela, o tempo é uma massa maleável onde o passado e o futuro colidem num "eterno presente". Esta visão foi moldada por uma anedota de Charlie Parker, que interrompeu uma gravação clamando: **"Já toquei isto amanhã"**. Esta convergência — o amanhã como espelho do ontem — impregna os seus romances. Sucede que, na sua escrita, o tempo não flui, acumula-se. Esta síncope temporal é capturada magistralmente no poema musicado de *Fado Alexandrino*, onde a voz do autor ressoa num paradoxo lírico: "amanhã chegaste à minha vida e disseste: 'Bom dia e era a noite lá fora.' ... e como era amanhã vestiste o meu pijama tomaste um comprimido para dormir acordada."

III. A Escrita como Suplício: O Solo de Parker

Lobo Antunes nunca encarou a página branca como um recreio, mas como um calvário redentor. Seguindo a ética de Charlie Parker, o autor acreditava que o criador deve submeter-se ao suplício para que o leitor receba, em troca, o júbilo da arte. Escrever era um ato de "ódio ferido pelo mundo cruel", um esforço físico para destilar beleza do trauma. Não obstante o reconhecimento mundial, Lobo Antunes manteve-se fiel à ideia de que a arte autêntica exige uma crucificação do ego, transformando a angústia existencial numa partitura universal. "O saxofone de Charlie Parker, a crucificar-nos de súbito num solo desesperado que resume toda a inocência e todo o sofrimento do mundo no sopro lancinante de uma nota."

IV. A Eternidade em Papel Bíblia: A Vitória sobre o Nobel

Ao longo de décadas, o nome de Lobo Antunes pairou sobre Estocolmo como uma inevitabilidade nunca concretizada. Todavia, para o autor, o verdadeiro triunfo ocorreu em 2018, quando a Gallimard anunciou a sua entrada na prestigiada coleção *La Pléiade*. Tornar-se o segundo português — depois de Pessoa — a integrar este panteão de "clássicos" em vida era, na sua ótica, um reconhecimento **"muito maior do que o Nobel"**. A Pléiade oferecia-lhe a

continuidade no tempo, o rigor do aparato crítico e o selo de imortalidade literária. Ao receber a notícia, o autor dedicou-a ao seu "irmão" José Cardoso Pires, evocando com emoção o jogo de cumplicidade entre ambos: "Ganhámos!". Se o Nobel era política e circunstância, a Pléiade era, finalmente, Literatura.

V. Do Estrépito à Mudez: O Labirinto das Vozes

A característica polifonia da sua obra — esse fervilhar de vozes que emergem sem aviso — foi forjada na escuta ativa de centenas de pacientes no hospital e no trauma da guerra colonial em Angola. Lobo Antunes trouxe para o papel o "canto" do desamparo dos soldados e dos esquecidos. Não obstante este oceano de vozes, os seus últimos anos foram marcados por um silêncio trágico. Afetado por uma forma de demência e pelo isolamento da pandemia, o homem que dominava a linguagem acabou "atrapalhado", emparedado em diálogos imaginados. O seu **"lápiz impecavelmente afiado"** deixou, gradualmente, de tocar o papel, restando apenas o murmúrio de quem já não precisava de escrever para habitar o próprio mito.

Conclusão: O Legado de um Imortal "Atrapalhado"

A 5 de março de 2026, com o falecimento de António Lobo Antunes aos 83 anos, o cânone de língua portuguesa sofreu uma amputação irreparável. O luto nacional decretado a 7 de março foi apenas o reconhecimento oficial de que um ciclo se fechava: partiu o médico, o soldado e o cronista, mas a sua obra permanece como um organismo vivo de ritmo sincopado. Quando o silêncio se impõe sobre quem tanto deu voz à fragilidade, resta-nos a "doce amargura de anjo bêbedo" que ele via em John Coltrane. O que fica de um escritor quando o seu lápis se cala? Fica a certeza de que a dor, quando atravessada pela genialidade, se transforma na mais bela das alegrias. Lobo Antunes deixou de estar para nós, mas a sua música continuará a ferir-nos de luz.